

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 839
GUIMARÃES, 29 de Fevereiro-1948
Red. e Adm., R. da Rainha, 58-A. Tel. 4819
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Os Paços do Concelho

II

Terminamos o nosso artigo anterior perguntando se é da destruição da parte já construída dos Paços do Concelho de Guimarães que se trata, na lista das obras a executar com a solicitação participação do Estado.

A esta pergunta somos obrigados a responder afirmativamente, com a maior das tristezas, como, sem dúvida, tristes e desalentados ficarão todos os vimaraneses que amam a sua terra e por ela se interessam, se, o que ainda não cremos, um dia virem tomar, feridas e retalhadas, aquelas pedras que são belas e anunciadoras de uma jóia de arte, que com tanto e tão carinhoso entusiasmo viram erguer.

Mas, como se explica, como se justifica tal intenção de destruir, quando já bastante difícil se torna a desculpa desta enorme pausa na continuação e conclusão de um edifício, tão necessário para o condigno funcionamento das actividades municipais e tão esplendorosamente representativo das tradições históricas e artísticas da cidade?

Qual é, onde está essa corrente indomável de opinião pública que obriga a abater, sem piedade nem respeito pela vontade legítima e solenemente expressa do povo de uma cidade ilustre e trabalhadora como Guimarães, o pórtico monumental e as fachadas de linhas tão artísticas e característicamente da índole vimaranesa, já construídas até à altura do andar nobre do edifício?

Nunca, até hoje, além de uns vagos rumores que não chegaram a concretizar-se à luz do sol, e a que, mesmo assim, nos propomos responder, visto que todas as opiniões nos merecem respeito, nos constou que se tenham manifestado, pública e francamente, razões de qualquer natureza, que possam servir de fundamento para uma discussão a iniciar sobre a vantagem ou necessidade da destruição projectada. E essa discussão seria, evidente e inofensivamente, sempre inoportuna e tardia, depois do tanto que já está feito dos Paços do Concelho.

Pelo contrário, procurando neste jornal que, dentro do lema de defensor de Guimarães, nos dá guarda, encontramos consoladoras e reconfortantes referências ao assunto, das quais, neste momento, entendemos ser da máxima conveniência reproduzir alguns períodos essenciais.

Vamos fazê-lo, seguindo a ordem cronológica.
A. L. de Carvalho, baírrista como os que mais o são, espírito independente, carácter absolutamente avesso a bajulações ou a sujeições que não sejam aquelas a que a sua consciência obrigue, crítico severo e quase sempre descontente, dizia aqui neste jornal, em 25 de Fevereiro de 1934:

Resta agora que esses críticos do «arraze-se!» classifiquem o voto condicionado do ilustre Director dos Monumentos Nacionais do Norte — «critério de merecimento», tal como o fizeram contra mim, quando modesta e lealmente, em 1928, emitia na imprensa o parecer — que devia reflectir-se sobre o facto de já se haver dispendido com a obra mais de um milhão de contos e, por isso mesmo, ser insensato pedir a sua destruição!

Dias depois, em 18 de Março, de mistura com várias considerações que seria inoportuno discutir agora, diz mais o infatigável publicista:

1934 — Novo rumor se ergue à volta da decantada construção. Agora, quem descarregara a clava, foi a Direcção dos Monumentos Nacionais (Norte).

Já aqui reproduzi esse parecer que, em síntese, é este:

— Ser preferível acabar a construção sujeitando a a linhas arquitectónicas mais singelas, que arrasar a parte feita!

Que vai agora suceder?

Importa, contudo, esclarecer: se a conclusão do edifício não logra do Estado nenhuma comparticipação no seu custeio, nada tem a Direcção dos Monumentos Nacionais com o rumo que a obra venha a tomar!

E' o Município um organismo do Estado, é certo; mas é, administrativamente, autónomo.

Adaptar a parte construída a outra coisa que não sejam os Paços do Concelho — é pura fantasia.

Não percamos pois tempo, já agora, com bizantinices.

A oportunidade em recuar, em voltar atrás, corrigindo a localização do

edifício — o principalíssimo, o fundamental erro na construção! — teria sido em 1926.

Mas, nessa data, dirigindo eu um apelo «aos entendidos na matéria», eles metiam-se na concha. Falavam só nos botequins.

Agora... é remediar o que for remediável e — toca a concluir o edifício!

Abel Cardoso, artista insigne, nobre vimaraneses que tanto honra a cidade que lhe foi berço e por cujo interesse e progresso tanto se tem dedicado, escreve também neste jornal, em 1 de Novembro de 1936:

Um desastre, um crime de lesa-Arte o sono profundo e prolongado em que mergulha o novo edifício da Câmara! Não há meio de atinar com a verdadeira causa de tal repouso.

Falta de dinheiro não deve ser. Se não estou em erro, somos contribuintes para a sua conclusão. Quais as razões então? As que me chegam aos ouvidos são inconcebíveis e inaudíveis: que é de exguas dimensões para o fim a que se destina!

Seria para uma praça de touros? Que tapa o Castelo e o Paço dos Duques!!

Que é obra de democráticos!!! Que é uma amálgama de estilos!!!! Que deveria ser um edifício em que predominasse a linha recta do modernismo!!!!

Seis, dez, vinte pontos de admiração.

Disparates que bradam aos céus e que, como vimaraneses, me fazem corar até à raiz dos cabelos.

E em Julho de 1945, num esplêndido artigo, que temos pena de não poder transcrever integralmente, visto ser necessariamente restrito o espaço que nos seja concedido, lia-se mais o seguinte:

Tive a honra de fazer parte, como vogal, do júri de classificação dos projectos apresentados para a construção do novo edifício dos Paços do Concelho. O notável architecto Alexandre Soares, então professor dos mais proficientes da Escola de Belas Artes de Lisboa, presidia. Da boca dele ouvi, ante os projectos apresentados, cujos autores ainda se desconheciam, os maiores elogios àquele pelo qual o júri unanimemente se pronunciou e que depois se soube ser da autoria do notabilíssimo Mestre Marques da Silva.

Dizia Alexandre Soares que ficáramos possuindo uma jóia artística de incalculável valor, uma autêntica obra-prima, que assentaria bem em qualquer parte do mundo civilizado, não obstante, pelas suas inconfundíveis características, o lugar dela ser a cidade de Guimarães. Assim o pensou também o seu autor, que criteriosamente diz, nas primeiras palavras da bela memória descritiva que acompanha o projecto, que «o edifício municipal tem de representar a síntese das tradições históricas da cidade e marcar a sua feição individualista».

Impoente qualquer das suas factadas!

Que mal fará ali, naquele amplo local, aquele nascer da obra em cuja observação o espirito se compraz, detendo-nos o olhar as linhas puras das suas belas ogivas?

Por que chamar aquilo ruínas se para nós vimaraneses e sobretudo para os que vêm com olhos de ver, ou para os que por felicidade possuem em mais alto grau um sentimento estético, representa uma esperança — embora não passe de esperança?

Por fim, Zé da Aldeia, em 17 de Novembro de 1947, num artigo em que, provavelmente, por se considerar da Aldeia, entende, num excesso de escrupulo revelador de requintada sensibilidade, não dever manifestar abertamente a sua opinião, que, no entanto, transparece de todas as suas muito sensatas considerações, afirma o seguinte:

Essa obra, que era e continua a ser uma das aspirações de muitos vimaraneses, estava a ser executada segundo um projecto da autoria do conhecido e abalizado Architecto Sr. Marques da Silva, Artista de nome consagrado em Portugal e que no estrangeiro também não é ignorado. Portanto, o nome do Autor do refe-

O MEU PERDÃO

Porque fui sempre bom, toda a torpeza Não larga a minha porta, irreverente. Há homens que enfartei à minha mesa E que me odeiam hoje ferozmente...

Eu que fui sempre amigo da pobreza, (Porque dela nasci tão pobremente) Até essa me tem — ó vil baixeza! — Lançado a sua baba repelente...

Ergo, ergo a cabeça, conformado, E olho essa miséria, lado a lado, Com meu olhar de doce compaixão.

Podeis lançar-me pedras todos, todos... Podeis lançar-me insultos, crus apodos, Que eu a todos vos dou o meu perdão...

Fevereiro de 1948.

DELFINO DE GUIMARÃES.

O nosso inquérito

A notícia que publicámos acerca do Inquérito que resolvemos fazer através das freguesias do concelho de Guimarães, foi recebida com muita satisfação por muitos dos habitantes dessas freguesias, e a avaliar pelo número de cartas que temos recebido e nas quais nos são já apontadas necessidades imperiosas e males que carecem ser remediados quanto antes.

Estamos convencidos que a nossa iniciativa será coroada do maior êxito e para que isso se verifique não nos pouparemos a esforços, por maiores que eles sejam, visto que a defesa dos interesses e das aspirações dos habitantes de todas as nossas freguesias está

às necessidades das Freguesias do Concelho

DESPERTOU NUMEROSOS APLAUSOS

perfeitamente integrada no nosso plano de acção regionalista.

Aqueles pessoas que em cartas dirigidas à redacção deste jornal, a par do seu aplauso à nossa iniciativa, nos dirigem palavras de louvor e de incentivo, queremos aqui e desde já manifestar o nosso reconhecimento por todas as elogiosas referências que se dignam fazer ao «Notícias de Guimarães».

GRANDE FEIRA DE CALÇADO

Visite V. Ex.ª a Sapataria Luso de 1 a 10 de Março e não perderá o seu tempo

Liquidação de Calçado para Homem, Senhora e Criança

rido projecto deveria ser o bastante para a garantia daquilo a que esta gente tem aspirado e ainda aspira — um edifício que simbolize o progresso e a categoria de Guimarães. Mas quando já se havia gasto muito dinheiro — para não falar em milhares de contos — surgiram os primeiros zuns-zuns contra o prosseguimento das obras em curso, sob pretextos diversos, mas principalmente porque o edifício era acanhado e porque não era naquele local que devia ser construído, onde ficava enterrado e onde prejudicava a perspectiva da vista dos Paços dos Duques de Bragança. E enquanto uns pensavam assim, outros, porém, pensavam de modo contrário, e estes representavam, nessa ocasião, o maior número.

assim como ainda continuou — e por bastante tempo — a ser cobrado o imposto especial que a Câmara havia lançado aos contribuintes de algumas freguesias, que mais tarde foi extensivo a outras, para se destinarem somente àquelas obras. Isso foi a confirmação de que a opinião pública não se pronunciaria desfavoravelmente à continuação da execução do projecto do Sr. Marques da Silva. E dentro dessa orientação, o edifício foi tomando maiores proporções e maior se foi tornando a importância ali gasta que, como já referi, deve ser de alguns milhares de contos.

Feitas estas transcrições e verificado que nada se publicou até agora que contrarie as opiniões nelas manifesta-

Águas passadas...

© parturejo dum jornal em 1908

— sua vida efémera

Nos arraiais académicos de Coimbra destacava-se um grupo ousado, ultra-revolucionário. Seu baluarte de propaganda e combate dava pela abreviatura de — N. A. E. A. Desse grupo faziam parte três nossos conterrâneos. Quando em Guimarães se fez eco de que os três esperançosos rebentos do burgo estavam beutados de... anarquismo, alguém deu por este diálogo entre dois pater-familias:

— Então, os nossos filhos andam transviados pelos tremedais da Revolução?

Ao que o outro, serenamente, contrapôs:

— Deixe lá... Sarampo da juventude... Aquilo passa...

Tempo decorre. Os Nihilistas intelectuais, convencionalmente um arranjo político, de emergência, filiam-se no batalhão sagrado da bandeira verde-rubra. Ao seu impulso de moços, o advento da República chegaria mais depressa. Importava para isso — batalhar. Neste propósito, chegou a Guimarães, findo o seu curso, um dos moços académicos ultra-revolucionários. Além da sua carta de bacharel formado, trazia no alforje vastas provisões de idealismo heróico — pela República! Quem reparasse no alevantado da sua cabeça, logo teria a ilusão de que este desafio saía da boca do nos-

so conterrâneo, regressado ao berço:

— Agora... nós!

Encontrámo-nos os dois. Ambos concordes, deliberámos fundar um jornal. Este semanário corresponderia a um clarim de guerra. Bem podia o franquismo local, de tanto fervor baírrista, tremer. O adversário, saindo das faixas infantis, vinha disposto à liça. O próprio título do jornal prometido, parecia dizer à legião franquista, que era a maioria dos vimaraneses:

— A «Alvorada» vai surgir! Venham saudá-la!

E logo se ajustou que seria seu Director o novel advogado, regressado ao berço. Encimar o cabeçalho de um jornal com nome titulado de Dr. é, só por si, um êxito. Se esse Dr. é — como no caso em referência — talentoso e simpático, então o êxito sobe uns furos.

São neste Mundo as alegrias imperfeitas. Quando tudo nos sorria, vindo a «Alvorada»

Guimarães vai ter uma nova Estação de Caminhos de Ferro?

Segundo informações colhidas e consideradas fidedignas, chegou ao nosso conhecimento que a actual Direcção do Grémio do Comércio do Concelho de Guimarães, a que muito dignamente preside o conceituado negociante e nosso prezado amigo, Sr. Casimiro Martins Fernandes, representou ao ilustre Director Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses sobre a necessidade de se serem melhoradas as condições de instalação da nossa Estação de Caminho de Ferro (na verdade, considerada de há muito imprópria para satisfazer as necessidades do tráfego citadino) e, também, que sugeriu a melhoria dos serviços de viação da respectiva linha de modo a beneficiar o comércio, as classes trabalhadoras, os passageiros que tenham de dirigir-se à linha do Douro ou para a Póvoa de Varzim.

Mais soubemos que a referida Companhia se pronunciou já e que, prometendo ocupar-se deste momentoso assunto, envidará os seus melhores esforços para satisfazer as aspirações vimaraneses, aguardando somente que o Serviço de Estudo e Aprovisionamentos elabore o respectivo parecer.

A ser assim, cumpre-nos felicitar a digníssima Direcção do Grémio do Comércio pela sua acertada deliberação e manifestar o nosso sincero aplauso pelo interesse posto na solução dum problema que é um dos mais instantes deste laborioso centro obreiro e comercial do norte do País.

Está de parabéns, pois, o Grémio do Comércio de Guimarães, como de parabéns se devem encontrar todos os vimaraneses!

Chegaram as Andorinhas

Chegaram as andorinhas às aldeias e às cidades...

Andorinhas são saudades.

Andorinhas são saudades, saudades são andorinhas: quando partem, vão aos bandos; quando chegam, vêm sózinhas.

Sózinhas não: trazem a vida no coração.

Andorinhas, quando chegam, trazem risos e canções... Assim é a Mocidade, a idade das ilusões.

Andorinhas em vaivém... Ilusões, quem as não tem?

Mocidade, Primavera; Primavera, Mocidade... Uma passa com o tempo, outra morre com a idade.

Ai, Primavera! Ai, Mocidade!

Ó andorinhas, voal: é vossa o ar... Mocidade! é vossa a idade... Amar! amar! amar!

E amar não é pecar.

Tudo passa. A Vida é hoje. Sem sonhos não há saudade... Voltar as andorinhas, mas não volta a Mocidade.

A Mocidade é uma flor: hoje saudade, ontem amor. Basta uma brisa já perde a cor...

Ai, Mocidade, só trazes dor! Ai, Mocidade, dor de saudade! Vinde, andorinhas: saudades minhas!

... Saudades minhas, subi ao ar, cortai as nuvens, passai o mar... eu tenho asas, quero voar... eu tenho um peito: — é para amar.

Merry.

CONTRASTES!... VARANDA DE PILATOS O Teatro dos Estudantes

Curandeiros, Bruxas & C.^a

Uma das características da atrasada mentalidade de muitas pessoas consiste na forma como elas procuram resolver casos de grande responsabilidade, como doenças graves, etc. Com desprezo absoluto pela competência clínica de médicos competentes, quantas pessoas se entregam nas mãos de ignorantes curandeiros ou nas de diabólicas bruxas, pessoas que cometem os maiores abusos e até os maiores crimes e que, apesar de tudo isso, não deixam de ter quem acredite na sua atre-

guida no Olimpo por Jupiter, advogado em leis, uma nuvem borrascosa toldou a suave claridade. Foi o caso de me chegar em aviso da última hora: esta comunicação amarfalhante: — *O cabeçalho tem de ser alterado. O eleito Director, não pode, na conjuntura, figurar como tal!*

Estreguei os olhos para ver claro na turbacão do momento. E topei em um canto dos Lusíadas a suprema razão do caso: — *Tanta obediência aos prís se deve!...*

A frase conceituosa, o alto juízo profético daquela frase do *pater-família*, «Aquilo passa!», parecia agora querer justificar-se, ajustada ao momento. Aparentemente, parecia cantar triunfo. Na realidade, a ideia cedia, mas não sucumbia...

Fui assim, empurrado, para Director de um semanário republicano, em 1908. Saiu o jornal na hora H. O prometido era devido. Os n.ºs 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, viram a luz da ribalta pública, sem outro malefício — a não ser a manifesta pobreza da sua falta de brilho. Lnsaiando passos no jornalismo dileitante, eles se denunciavam frouxos, hesitantes. Debatia-me em dificuldades. Não faltava, até, quem me puxasse pelo casaco, querendo que eu arripiasse caminho.

Era uma temeridade, então, em pleno advento do franquismo — nomeadamente em Guimarães onde o franquismo teve o seu «bom sucesso» — atirar para a rua com um jornal republicano.

Pois não dizia o Chefe — *caçava no mesmo terreno?* Por que não se devia aguardar da obra de João Franco a salvação da Pátria?

O louco! Pára a tua arremetida!

Dão-se no Porto acontecimentos de hostilidade ao franquismo. Alguns vimaranenses que ali haviam ido para assistir a um banquete político, de homenagem ao Chefe, são vaiados, corridos... à trampa. Já o infante jornal «Alvorada» preparava um artigo considerando *má trampa* o processo de bater adversários, quando chega à tipografia Silva Dantas este aviso parentóico:

— *Ou a tipografia deixa de compor o jornal, ou o seu material é empastelado!*

Silva Dantas, coacto, receando a fúria de um atentado à tipografia, deu-me conhecimento desta sua inabalável resolução: Não imprimir mais o jornal!

Que fazer? Qual vencido, sem apoio à minha volta, sem ânimo para ir mais longe, limitei-me a amarfalhar, a rasgar o original destinado ao 5.º n.º da «Alvorada» e... esperar a maré do carvoeiro.

5 de Outubro de 1910! Advento da República. Então, só então, a «Alvorada» surgiu — em 2.ª série.

A. L. de Carvalho.

vida e condenável intrugice! E o que é de lamentar é o facto de algumas dessas pessoas possuírem certo grau de ilustração e seguirem também esse caminho, isto é, procederem de modo igual ao daquelas que são impulsionadas pela falta de conhecimentos e, portanto, que são vítimas dos efeitos de uma ignorância em larga escala. É uma triste e degradante realidade o que se passa a tal respeito, mas, infelizmente, essa realidade existe, quer se trate de curandeiros, quer de bruxedos. A responsabilidade profissional de médicos muito distintos é assim preterida pelo atrevimento *consciente* de tantos intrujões e exploradores desse género, que praticam os maiores crimes, para os quais a única *recompensa* deveria ser a sua entrada numa Penitenciária, onde, então, poderiam reconhecer a gravidade dos seus actos e a extensão dos seus abusos, uns e outros espalhados por toda a parte e alguns da natureza do que passamos a relatar, transcrito de um Diário da Capital:

«Bruxas, Curandeiros e outros intrujões»

Dizem de Santo António de Fozcoa que, no lugar da estação do caminho de Ferro de Freixo de Namão, apareceu há meses um indivíduo que se apresenta como curandeiro — e gosta que o tratem por Doutor — recitando aos doentes com mistura de rezas do livro de S. Cipriano, e cobrando honorários que vão de 350 a 500\$00, por 3 dias de tratamento, além de cama e mesa...

Não têm conta os espertalhões que, através de curandeiros, bruxedos e superstições várias, vão sangrando o «pobre burro» que não tem inteligência nem energia para dar três coices contra tanto intrujão que o explora.

Perante exemplos como este, apenas poderemos chegar à conclusão de que os amadores da charlatanice vegetam em todos os pontos cardiais do país. É uma modalidade do *conto do vigário* em que o vigarizado paga, por vezes, com a sua própria vida a confiança que deposita em semelhantes burlões!

Louvável iniciativa

«Notícias de Guimarães» diz-nos ter tomado a iniciativa de proceder a um inquérito sobre as necessidades das freguesias do Concelho. Evidentemente, que vemos através dessa iniciativa a melhor vontade de contribuir para o bem-estar dos habitantes das mesmas freguesias e, por isso, essa resolução merece-nos todo o nosso aplauso e toda a nossa simpatia, tanto mais que é do nosso conhecimento existirem no Concelho algumas freguesias rurais onde ainda não chegou a luz do progresso. No entanto, a Câmara Municipal já tem inscrito no seu orçamento verbas razoáveis para elas e, de futuro, com certeza as aumentará, visto tratar-se de freguesias com direito a benefícios como quaisquer outras. E agora, que vem a propósito, lembramos a conveniência de em futuras eleições das Juntas de freguesia serem escolhidas pessoas com a idoneidade precisa para desempenharem essas funções e não se repetir o que tantas vezes tem sucedido, isto é, de serem escolhidas pessoas que apenas possuem as qualidades da incompetência e da negligência. Se cada uma dessas Juntas se integrasse verdadeiramente nas atribuições que lhes são conferidas por força da lei, prestaríamos bons serviços aos povos que representam e seriam bons elementos de cooperação junto da Câmara Municipal, quer expondo-lhe a razão de ser levados a efeito os melhoramentos de mais necessária realização, quer facilitando, tanto quanto possível, a acção do Município, no sentido de

Naquele tempo... não se realizavam Cortejos de Oferendas.

Não era que os pobres não fossem os eternos pobres, não era que as almas se não tornassem melhores, ao gesto de duas mãos estendidas, uma para dar e outra para receber. Também não era que não faltassem riquezas sobejas, riquezas de bolsa e riquezas de coração, de qualquer modo oiro, que se podia por na rua, ao sol de Deus, a brilhar e a cantar, por entre as multidões inclinadas ao cântico interior do Bem, que se faz, sorrindo, na jucundidade duma afirmação da maior grandeza humana.

E também não era que não houvesse, por entre os principais da Terra, os que sentiam os seus olhos presos a um farapo seu semelhante, os que davam parte da sua vida à vida, à miséria, à doença, à assistência alheias.

Mas andavam os ânimos muito divididos.

Pensavam uns, que toda a Terra e seu termo haveria de aparecer num Cortejo sem fim, que rompesse com o sol às primeiras horas da madrugada, enchendo o dia todo com o desfile alacre e majestoso, até aos umbrais da noite ou por ela dentro, a luz de archotes e fogos alimentados pelo óleo santo do Amor e da Justiça.

E pensavam bem... Pensavam outros que o termo se dividisse em zonas... e

a aspiração desses melhoramentos ser transformada em realidade. Porém, há Juntas de freguesia que não se comparam desse dever, pois que, se assim fosse, não teria o «Notícias» necessidade de fazer mais esse sacrifício a bem dos habitantes do Concelho, isto, é claro, quanto a Guimarães.

Procurando esclarecer

«Um Caso de Escultura», assim se intitula um breve mas elucidativo trabalho do Escultor Sr. António de Azevedo, digno Director da Escola Técnica de Guimarães. O ilustre Artista, que nos últimos tempos se tem dedicado a assuntos de Arqueologia, faz a história do chamado «Colosso de Pedralva» e esclarece de forma sucinta e clara o assunto que lhe inspirou o trabalho em referência. Felicitando Sua Ex.^a pela publicação daquele trabalho, aproveitamos esta oportunidade para também lhe testemunharmos a nossa satisfação pela justiça que recentemente lhe foi feita pela Academia Nacional de Belas-Artes, distinção que conseguiu sem favor, mas apenas como reconhecimento dos seus méritos artísticos. Portanto, a sua escolha para membro daquela Academia, poderia não ter agradado «a quem não quer para os outros o que deseja para si», mas agradou, com certeza, a quem gosta de ver a justiça colocada no seu devido lugar. De facto, é assim que está certo.

Os tais carros...

Ao Sr. Darmoa, do N. de G., agradecemos a atenção que dispensou ao nosso pedido. As suas «Farpas» de domingo passado mais uma vez revelaram a sua especial vocação para a arte de tourear as *misérias* de Guimarães. Aqueles *ferros curtos*, tão certeiros e tão oportunamente aplicados, tornaram-no digno do eterno reconhecimento de quem consagra aos Mortos o seu maior e mais sentido respeito. Bem haja, Sr. Darmoa!

não se chegou a saber se pensavam bem ou mal.

Entretanto, todos se esqueceram de suscitar interesses morais, que bom fora despertar, na cruzada dos benefícios certos.

Ficaram na sua casa, à espera da Embaixada caridosa, os que deviam vir para a rua, a serem embaixadores dela.

Ficaram na sua casa os sacerdotes e fariseus, os primeiros porque achavam que qualquer movimento de caridade haveria de começar logo a dirigir-se ao rebanho das próprias ovelhas, para a própria satisfação dos pastores, e os fariseus, porque o são e serão, pelos séculos sem fim.

Escrebas da iniciativa tão bela... foi coisa que se não viu, mirrados à falta de assunto, mas cobrindo as folhas volantes da época com colunas, páginas inteiras, cerradas, coalhadas dos relatos das maravilhas circenses, quero dizer, do futebol. (Fazem favor de desculpar a pobreza do espírito desportista.)

Sabe-se que são hipócritas os escribas, forçados a alimentar a turba, com as literaturas verbosíssimas, que sustentem as suas paixões.

Hipócritas, está dito. E tudo levou a que naquele tempo... se não realizassem Cortejos de Oferendas.

Ficaram com menos palha as enxergas dos pobres.

Ficaram com menos calor os lares dos pobres.

Ficaram com menos alegria os corações dos pobres.

E nem por isso ficaram mais aconchegadas as camas dos ricos.

E nem por isso houve mais calor nas casas aquecidas dos ricos.

E, nem por isso houve mais alegria nos corações dos ricos. Em Amor, aquilo que um dia se perde, não volta mais a encontrar-se.

Como aquilo que um dia se não deu, não provocará idêntico bem, ainda que um dia venha a receber-se.

E de toda a carência das sublimes generosidades, almas generosas dos que dão, almas generosas de bençãos dos que recebem, apenas se sentia o vazio das solidariedades que se não efectuaram, das belezas superiores e tendências divinas, que se esconderam por detrás da indiferença, a fazer negaças à Misericórdia...

E mais uma vez, com a maior simplicidade deste mundo, Pilatos lavou as mãos...

Renda, 24-2-48.
J. M. Pinto de Almeida.

NO MEU CANTINHO

O Mensageiro de S. Bento é uma das Revistas que mais alto prazer me dá. E então a primeira do ano corrente foi de um enlevo mais acentuado ainda.

As homenagens prestadas a Mons. João Tomás da Costa e ao Abade de Baçal e ao P.º José Monteiro de Aguiar são peças lindas de supremo encanto.

O *Oaiato* de 21 diz-nos, no seu emoldurado fundo, que no Ministério das Colónias conseguiu o Pai Américo a colocação de uns doze rapazes do Lar de Coimbra nas nossas Províncias Ultramarinas. Que grande Obra que é esta d'O *Oaiato*!

E que prosa tão linda ali se faz!

Vem a Guimarães, no dia 11 de Março, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

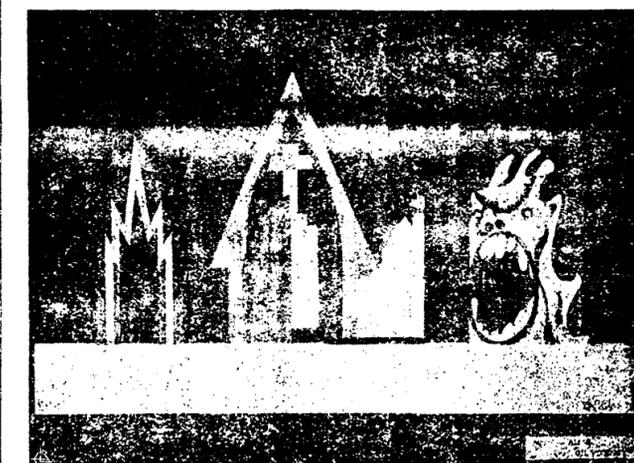
O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra não é uma instituição desconhecida no meio cultural português. O seu nome tornou-se bem conhecido pela voz dos melhores valores da intelectualidade portuguesa e das entidades oficiais depois das suas primeiras apresentações em Lisboa, Porto e Coimbra.

Dizia-se no Relatório do Decreto sobre a Reforma do Teatro Nacional que estas apresentações «constituíram o acontecimento teatral de maior relevo dos últimos tempos entre nós». E esta afirmação, se pelo facto de provir dos meios oficiais responsáveis era já uma indicação segura do

da Universidade de Coimbra vem a Guimarães no dia 11 de Março

apenas: Camões e Garrett. Ambos escreveram as suas primeiras obras de teatro quando estudantes de Coimbra.

Mas não bastava o existir uma tradição dramática da Academia de Coimbra. Era necessário fazer-lhe renascer, assegurando-lhe a continuidade. Era necessário que aparecesse alguém que



Cenário do «Auto da Alma»

alto nível artístico revelado pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, recebeu todavia a corroboração dos melhores nomes da crítica e da literatura portuguesa. Assim, o conhecido jornalista Cristóvão Aires, depois de uma das apresentações do T. E. U. C. no Teatro Nacional de Lisboa, escrevia no jornal «O Século»: «...estamos em face de um conjunto cénico que não será facilmente igualado por qualquer grupo de profissionais». E, pela mesma altura, o Dr. Jorge de Faria, que aos assuntos do teatro vem dedicando um labor fecundo, afirmava em outra diário da capital: «...todos os que acreditam na existência de um teatro português, terão a reconfortante certeza de que os escolares de Coimbra, o eruem com estranho fervor na sua alma e no seu coração».

E assim era, na verdade. O T. E. U. C. nas suas sucessivas jornadas pelo país ia criando um nome honroso e um prestígio nunca alcançado por qualquer agrupamento congénere, ia conquistando a admiração do público que começa a interessar-se vivamente pelas suas representações.

E pergunta-se como conseguiram os estudantes de Coimbra elevar tão alto o nível do teatro português. E que existe uma tradição dramática da Academia de Coimbra. Os grandes nomes da literatura portuguesa que nos legaram obras de teatro revelaram-se quando estudantes da Universidade de Coimbra. Recordam-se dos nomes

FARPAS

Parabéns aos Empregados De Comércio, dedicados Ao bem da humanidade! Bravo, brmosos Caixeiros! Deus vos pague, Pioneiros Do Bem, tanta caridade!

É miséria aliviada, Muita lágrima estancada Em lares de luto e de dor! É a boca que tem pão Numa perene oração Agradecendo este amor!

Um doente que não chora Ao sentir que já melhora Da doença que o matava... E tem suprema alegria Ao ver chegar, certo dia, O remédio que esperava!

É gente a dormir no chão A quem é dado um colchão, Uma manta, um agasalho... E pensar que tudo isto É, Caixeiros — eu insisto — Fruto do vosso trabalho!

Caixeiros da minha terra: É assim que se faz guerra À miséria, ao sofrimento... E, se alguém vos criticar, Deixai o Mundo falar. «Palavras leva-as o vento».

Sem vaidade, *de escondidas*, Foram bem distribuídas As verbas abençoadas! Continuai, que a cidade Tem Casas de Caridade Que não foram contempladas.

Eu sei que «Roma e Pavia Não se fizeram num dia»... Há tempo de fazer bem Continuando a ESCOLA. Vós sabeis dar a esmola Sem envergonhar ninguém!

Darmoa.

soubesse aproveitar as aptidões e as vontades dos estudantes de Coimbra. E em boa hora apareceram um Barrigas de Carvalho, um Deniz Jacinto, e tantos outros que, sem se poupar a esforços e cansaças, promoveram o renascimento do Teatro Académico. Tão surpreendente tentativa mereceu desde logo o apoio do Sr. Dr. Paulo Quintela, um professor distinto da Faculdade de Letras de Coimbra e comentador brilhante da Höderling, que sempre tem acompanhado o T. E. U. C. e com saber o tem orientado.

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, antes de partir para a sua anunciada viagem aos Açores e Madeira, percorrerá em *tour-née* de arte o norte do país, e dará em Guimarães um espectáculo de cujo programa constam «Terra Férme», de Miguel Torga, e alguns quadros vicentinos, incluindo «Lavrador» do «Auto da Barca do Purgatório», «Súplica da Cananeia», do «Auto da Cananeia», e «Todo o Mundo e Ninguém», do «Auto da Lusitania».

O facto da vinda do T. E. U. C. a esta cidade despertou grande e justificado interesse. Não faltou quem se oferecesse para colaborar com a embaixada de arte que nos envia a Lusa Atenas. Apareceram os estudantes da nossa Academia, que mantêm vivas as tradições da camaradagem e da solidariedade académicas. Apareceram os antigos estudantes da velha Universidade que nesta cidade ascenderam a posições de prestígio e apareceram ainda o Grupo Cénico dos E. do Comércio de Guimarães.

Bem dignos da hospitalidade da nossa cidade são os componentes do T. E. U. C., estudantes que, como muito bem disse o poeta Afonso Lopes Vieira, honram a Nação, a juventude portuguesa e a Universidade de Coimbra.

C. L.

OS CÃES

Os nossos jardins já foram arranjados, este ano, por duas vezes.

Os cães vadios tomaram-nos à sua conta e vem daí o precisarem, os nossos jardins, de serem tratados novamente.

Se todas as pessoas que possuem cães os tivessem presos em suas casas, não presenciáramos por vezes espectáculos desagradáveis e os nossos jardins estariam mais bonitos. Assim....

Delegado da Comarca de Fafe

Acaba de ser nomeado Delegado do Procurador da República na vizinha comarca de Fafe, o nosso prezado amigo sr. Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, que há meses vinha desempenhando aquelas funções na comarca de Redondo, e a quem por tal motivo felicitamos.

CASA

Aluga-se casa perto da cidade com 2 andares e garagem. Informa esta Redacção. 788

BANCO BORGES & IRMÃO da cidade Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

S. A. R. L.
PORTO

Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal

GERÊNCIA DE 1947

SENHORES ACCIONISTAS:

O Relatório, Balanço e Contas, que este Conselho de Administração tem a honra de propor à vossa apreciação e ao vosso voto, representa tanto pelos seus números como pela expressão, que contém, uma orientação administrativa, que os factos plenamente consagraram. Eles demonstram que, no meio das incertezas duma hora tão perturbada da vida do mundo, vale sobretudo a persistência numa obra de prudência, de bom senso, de equilíbrio, de sã administração.

Fiel às tradições desta Casa, a vossa Administração perseverou no caminho, que vem trilhando. A conta de Ganhos e Perdas pode mostrar-vos claramente que ele não é errado; antes os seus resultados coroaram o nosso esforço, se não com êxitos brilhantes de grandes iniciativas, ao menos com os de uma obra séria de consolidação das posições anteriormente alcançadas. Os que nos seguem de perto ou conosco colaboraram sabem o que tal esforço representa de trabalho afincado, quotidiano e atento.

Mantemos a política seguida de reforço de reservas, e damos estrito cumprimento às obrigações estatutárias e legais.

Propomos a seguinte aplicação ao saldo de Esc. 8.412.677\$72, da conta de GANHOS E PERDAS:

PARA FUNDO DE RESERVA	1.000.000\$00
RESERVA VARIÁVEL	2.000.000\$00
CUMPRIMENTO DO N.º 2 DO ART.º 24.º DO ESTATUTO	1.065.600\$00
DIVIDENDO (CATIVO DE IMPOSTOS)	4.005.000\$00
CONTA NOVA	342.077\$72

É dever, mas é também sincera satisfação, exprimir a nossa consideração e reconhecimento à leal colaboração do nosso Conselho Fiscal e louvar o zelo de todos os nossos funcionários e servidores da Sede e Agências do nosso Banco.

Porto, 6 de Janeiro de 1948.

O Conselho de Administração,

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)

Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo de Sá Fernandes.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1947

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa:		Capital	40.050.000\$00
Dinheiro em cofre	51.341.652\$85	Fundo de Reserva	3.000.000\$00
Nossos depósitos		Reserva para Fundos Flutuantes	4.000.000\$00
noutros bancos	211.083.569\$11	Reserva Variável	5.500.000\$00
	262.425.221\$96	Depósitos à Ordem	733.305.031\$06
Agências e Correspondências no País	83.057.606\$45	Depósitos a Prazo	137.465.419\$45
Cambiais e Dinheiro Estrangeiro	3.716.162\$16	Credores Diversos	156.093.956\$94
Carteira Comercial	350.271.063\$32	Letras a Pagar	10.886.674\$41
Correspondentes no Estrangeiro	58.635.100\$76	Corpos Gerentes (Cauções)	650.000\$00
Devedores Diversos	86.665.786\$21	Contas de Ordem	246.074.131\$04
Empréstimos C/ Correntes com Caução	121.720.619\$72	Ganhos e Perdas	8.412.677\$72
Fundos Flutuantes	107.648.100\$00		
Instalações	100\$00		
Ministério das Finanças (Decreto N.º 8.442 e 8.748)	660.000\$00		
Edifícios da Sede e Agências	100\$00		
Propriedades (de Rendimento)	23.913.900\$00		
Cauções dos Corpos Gerentes	650.000\$00		
Contas de Ordem	246.074.131\$04		
	1.345.437.891\$62		1.345.437.891\$62

Porto, 6 de Janeiro de 1948.

O Chefe da Contabilidade,

Mário Xavier de Matos Moraes.

O Conselho de Administração,

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)

Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo de Sá Fernandes.

GANHOS E PERDAS

Comissões, juros, transferências, etc.	6.727.003\$25	Saldo de 1946	215.716\$20
Contribuições pagas e Despesas Gerais	12.409.727\$03	Lucros apurados em diversas contas	27.333.691\$80
Saldo	8.412.677\$72		
	27.549.403\$00		27.549.403\$00

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Bem pode o vosso Conselho de Administração louvar-se nos resultados satisfatórios do seu esforço persistente e da sua avisada prudência. As tradições da sua gestão mantêm-se com segurança. Nem os Senhores Accionistas vêem mal cuidados os seus interesses nem os interesses superiores da economia regional deixaram de receber o contributo da colaboração do nosso Banco.

O vosso Conselho Fiscal avalia em seu justo preço o que representam em trabalho todas as horas e em aturada perseverança os resultados das contas, que vos são presentes. Estricta homenagem de justiça lhe parece, pois, propor-vos:

a) que as aprovei inteiramente com o seu Relatório e Balanço e deis ao saldo da conta

de GANHOS E PERDAS a aplicação indicada;

b) que manifesteis na acta da Assembleia Geral a expressão do vosso apreço e aplauso pela obra realizada pelo vosso Conselho de Administração em mais um ano de gerência, orientada por uma lúcida consciência do que melhor convém aos interesses do Banco e às dificuldades inigualadas do momento, em que vivemos.

Porto, 7 de Janeiro de 1948.

Manuel Pinto de Azevedo
José Gualberto de Sá Carneiro
Armando Marques Guedes (Relator).

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 1 de Março, o nosso prezado amigo sr. Manuel da Cunha Machado; no dia 2, o nosso amigo e conceituado comerciante sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 3, a menina Maria Fernanda da Silva Gomes, filha do nosso prezado amigo sr. José Ferreira Gomes e da sr.ª D. Maria Amélia da Silva; a sr.ª D. Maria Albertina Carneiro Carvalho e Silva Guimarães, esposa do nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães; o nosso simpático amigo sr. José Alberto Pimenta Machado, inteligente aluno do nosso Liceu, filho do nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e de sua esposa, e o também nosso prezado amigo e distinto Professor do Instituto Municipal, sr. Manuel da Costa Padrosa; no dia 4, a sr.ª D. R. sa de Jesus Ribeiro; o nosso bom amigo sr. Joaquim António da Cunha Machado e o também nosso prezado amigo sr. António Leite Vilaça Ferreira e sua irmã mademoiselle Maria Amélia Vilça Ferreira, filhos do nosso bom amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira e de sua esposa, residentes no Porto; no dia 5, o nosso confratão sr. Manuel de Matos Machado, filho do nosso bom amigo sr. José de Freitas Machado, estimado industrial em Tomar, e o também nosso bom amigo sr. José Mendes Guimarães, estimado industrial de padaria; no dia 6, os nossos prezados amigos srs. Casimiro Martins Fernandes e José Maria Pacheco Rodrigues; no dia 7, mademoiselle Maria Antonina Dias de Castro Fernandes, filha do nosso prezado amigo sr. João Mendes Fernandes; o nosso amigo António da Silva Freitas, filho do nosso prezado camarada sr. José Gualberto de Freitas, e o também nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Francisco Ribeiro Pinto. "Notícias de Guimarães", apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

Doentes

Numa Casa de Saúde do Porto encontra-se bastante doente o nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote Rev. Hordário Pereira da Silva.

— Por ter dado uma queda desastrosa, quando se encontrava dentro do edifício dos Paços do Concelho, recolheu ao leito, bastante maltratado, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. David Martins.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. António Soares Barbosa de Oliveira.

— Tem passado de novo incomodado o nosso prezado amigo sr. António Almeida.

— Já se encontra quase completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. José Teixeira dos Santos.

— Encontra-se melhor dos seus padecimentos o nosso querido amigo, Rev. Cónego Alberto da Silva Yasconcelos.

— Tem passado doente a nossa ilustre colega de "O Comércio de Guimarães", sr.ª D. Matilde F. Machado.

Desejamos o mais breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua esposa regressou da capital o nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Deu-nos há dias o prazer de sua visita o nosso querido confratão e Amigo e distinto Colaborador sr. A. L. de Carvalho.

— Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Comendador Dr. Francisco Meireles, de Celorico de Basto.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e Colaborador sr. José Maria Pinto de Almeida, de Lordelo.

— Deram-nos o prazer da sua visita os nossos bons amigos srs. Armando Pereira Novo, de Neves (Vila de Punhe), e José Gomes de Sousa, da Cuca.

— Acompanhado de sua esposa e com demora de algumas semanas, partiu para Vila Praia de Ancora o nosso prezado amigo sr. Luís Augusto Cardoso, antigo Chefe da Secção de Finanças.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo e conceituado ornamentalista, de Felgueiras, sr. Constantino Lira.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Sebastião Mendes.

Do Rio de Janeiro

Do Rio de Janeiro, onde estava há anos, e acompanhado de sua esposa, regressou às suas propriedades da freguesia de Serzedo, deste concelho, o abastado proprietário e nosso prezado amigo sr. Joaquim Pacheco Guimarães, a quem cumprimentamos.

Do Rio de Janeiro

Faleceu em Lisboa o distinto oficial do exército sr. Coronel Carlos Elias da Costa Júnior, irmão e tio, respectivamente, dos nossos prezados amigos e ilustres advogados da Comarca de Guimarães, srs. Drs. Alberto Elias da Costa e Ary Almeida.

Falecimentos e SUFRÁGIOS

Coronel Carlos Elias da Costa Júnior

Faleceu em Lisboa o distinto oficial do exército sr. Coronel Carlos Elias da Costa Júnior, irmão e tio, respectivamente, dos nossos prezados amigos e ilustres advogados da Comarca de Guimarães, srs. Drs. Alberto Elias da Costa e Ary Almeida.

APRESENTA:

O ídolo do público numa realização formidável

TARZAN E A CAÇADORA

com JOHNNY WEISSMULLER, BRENDA JOYCE, JOHNNY SHEFFIELD e a endiabrada macaca CHITA.

Quarta-feira, 3, às 21 horas:

Os endiabrados irmãos MARX no «Alarido Manicomial»

UMA NOITE EM CASABLANCA

Sexta-feira, 5, às 21 horas:

Um filme apaixonante, da primeira à última imagem, que mantém o espectador em permanente ansiedade

A MOEDA MALDITA

com GEORGE MONTGOMER, NANCY GUID e FRITZ KORTNER.

Srs. Agricultores

O adubo «Vencedor» é um adubo indispensável aos seus terrenos, por ser um adubo completo, e rigorosamente preparado.

O «Vencedor» é um adubo muito equilibrador, e que vos garante uma boa compensação nas vossas sementeiras.



Só com o adubo «Vencedor» é que podeis conseguir o máximo de produção.

Prefiram só Adubo «Vencedor».

Fórmulas especiais para todas as culturas, principalmente para VINHA, BATATA, OLIVEIRAS e CEREAIS.

BATATAS DE SEMENTE certificadas, Nacionais e Estrangeiras.

Pedidos ao Agente A. J. FERREIRA DA CUNHA

38, Praça D. Afonso Henriques, 39—GUIMARÃES

ou a SIMÕES & IRMÃO, L.ª

Rua Dr. Sousa Viterbo, 20-1.º // Telef. 23129 // Teleg.: «SIMOS-PORTO» — (Ao cimo da Rua Mousinho da Silveira).

Elias da Costa, aos quais apresentamos condolências.

Manuel da Silva Guimarães
(Rei do Orco)

No Porto, na sua residência à Rua das Antas, 150, faleceu na quarta-feira o sr. Manuel da Silva Guimarães, conhecido Charadista (Rei do Orco) e estimado funcionário aposentado da Companhia de Seguros «Garantia».

O extinto foi colaborador assíduo, durante muitos anos, da Secção Charadística do «Notícias de Guimarães», tendo-nos sempre distinguido com a sua amizade.

O seu funeral efectuou-se na passada quinta-feira.

Sentindo a morte do bom amigo, apresentamos a sua família a expressão do nosso muito pesar.

Diversas Notícias

Cantoras do Postigo do Sol

Na mesma Casa de Espectáculos devem exhibir-se brevemente as Pequenas Cantoras do Postigo do Sol, excelente agrupamento coral que é dirigido pelo Professor Virgílio Pereira, que já o ano passado aqui se fez ouvir com geral agrado.

Contribuições

Terminou ontem o prazo para entrega na Secção de Finanças das declarações (modelo n.º 1).

Até ao dia 15 de Março devem ser entregues na mesma Secção as declarações (modelos 2 e 3), respectivamente, de contribuintes em nome individual e sociedades.

As declarações em que hajam de ser mencionados rendimentos sujeitos a imposto sobre aplicação de capitais — Secção B — podem ser entregues até 15 de Abril.

Quanto às declarações dos n.ºs 1 e 2, não é necessário reformá-las, se o rendimento for igual ao do ano antecedente.

Feira anual

Na sexta-feira, 27, realizou-se em S. Torcato, a Grande Feira anual, que registou bastante concorrência. Foram conferidos prémios aos expositores de gado.

Naquele dia e no majestoso Santuário realizou-se uma imponente solenidade religiosa em honra do Santo Mártir.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da Rainha.

Missa em acção de graças

Na Capela privativa da Irmandade de S. Sebastião e no altar do Milagroso Santo foi rezada uma missa, na quarta-feira passada, em acção de graças pelas melhoras do mesário e devotado benfeitor da Irmandade, Sr. José Teixeira dos Santos, tendo assistido toda a mesa e muitas pessoas das relações daquele devoto. Foi celebrante o Rev. Comendador Augusto Borges de Sá.

Viação acidentada

Quando o automóvel de praça C. L. 11-68, pertencente a Luís Carlos Marques e conduzido pelo motorista José Ferreira, descia a Avenida Afonso Henriques, embateu com um carro de mão conduzido por José Fernandes Lopes, de 18 anos, residente na Rua de Santa Maria, que transitava em sentido oposto, tendo o mesmo carro, após o choque, de ir de encontro ao edifício do Teatro Jordão, ficando bastante avariado e o Lopes com um leve ferimento no frontal, pelo que teve de receber curativo no Hospital da Misericórdia. Verificou-se que o motorista não teve responsabilidade, cabendo esta ao Lopes.

Abastecimento do Concelho

Comunica-nos a Delegação Concelhia da I. G. A.:

«Está a ser feita a distribuição de gêneros de mercearia, referente ao mês de Fevereiro corrente, com as seguintes capitações:

Grupo A (Urbanos) — Arroz, 0,750 grs.; Açúcar, 0,700; Sabão, 0,200; Azeite, 0,5 dcl.

Grupo B (Rurais) — Arroz, 0,750 grs.; Açúcar, 0,250; Sabão, 0,200; Azeite, 0,5 dcl.»

Mês de S. José

Nos templos da Cidade iniciam-se amanhã os piedosos exercícios do mês de S. José, com o seguinte horário: N. S. da Oliveira, às 21 horas; Basílica de S. Pedro, às 6 horas; V. O. T. de S. Francisco e S. Domingos, às 17,30 e às 7 horas (excepto as segundas e quartas-feiras, que será às 16,30); Casa dos Pobres, às 7 horas; Santos Passos, Misericórdia e S. Sebastião (Domingas) às 8 horas.

QUINTA VENDE-SE PIANOS

Vende-se, em S. Martinho de Sande, a um quilómetro da estrada de Braga, pagando quatro carros e meio de medidas, produzindo, em média, 6 pipas de vinho; árvores de fruto, laranjal e olival. Tem mato suficiente e bastante bravo, constando de pinheiros, eucaliptos e carvalhos.

Para informações, Fernando Lindoso, Largo do 28 de Maio

— GUIMARÃES.

Compra e vende particulares. Afinações, etc. António José Ferreira, Rua D. Frei Cactano Brandão, 79 — BRAGA.

Vendem-se ou alugam-se duas moradas de casas no centro da cidade. Informações nesta Redacção.

VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29, com Mário Sampaio — GUIMARÃES.

Rotary Club de Guimarães

A última reunião do Rotary Club de Guimarães efectuada na terça-feira última e que coincidiu com a passagem do 43.º aniversário do Rotary Internacional, decorreu num ambiente de grande elevação e teve a assistência de muitos Rotários de Guimarães, assim como do Porto e de Braga.

Presidiu à sessão o Sr. Dr. Eduardo de Mascarenhas, secretariando o Sr. Leandro Martins Ribeiro.

Após a leitura do Relatório do Sr. Presidente, congratulou-se com a participação dos Rotários do Porto, aos quais apresentou cumprimentos.

O Sr. Leandro Martins fez, seguidamente, a leitura do expediente.

Concedida a palavra ao Sr. Raúl Lelo, do Porto, este senhor ilustre deu a assembléa acerca da maneira como funciona Rotary.

Depois de no capítulo "actualidades", usaram da palavra os Srs. Manuel Sampaio e Carlos Pinto, do Porto; Carlos Lelo, Presidente do Rotary Club do Porto, que nos falou, com ternura, da criação; Dr. João Afonso de Almeida, de Guimarães, que, a propósito da palestra sobre o "Alcoolismo", feita na sessão anterior pelo Sr. Dr. Rocha Peixoto, bordou interessantes considerações sobre a luta anti-alcoólica na Suíça; Rodrigo Ferreira Dias, do Porto; Dr. José da Conceição Gonçalves, Dr. Manuel Francisco Pinto dos Santos e Dr. João Mota Prego, de Guimarães; e Albert Hardy, do Rotary Club do Porto, tendo alguns destes Rotários contado interessantes aneddotas, muito a propósito dos assuntos tratados.

Concedida, então, a palavra ao Sr. Raúl Lelo, este Rotário português proferiu a seguinte e brilhante "palestra, da noite:

Senhor Presidente e meus queridos Companheiros:

Faz hoje precisamente 43 anos que um homem bom teve um sonho admirável: sonho todo de beleza e encantamento.

Chamo sonho, a essa realidade de hoje, porque era tão extraordinária a sua inspiração e tão pouco vulgar, que só como tal se poderia compreender. Pois bem: essa grande alma convenceu-se de que a fraternidade entre os homens só seria possível quando estes se conhecessem melhor, se estimassem mais e mais leais fossem uns para com os outros. Foi inspirado nestes princípios tão simples — mas tão cristãos — que "Rotary", nasceu, tem vivido e se tem engrandecido.

A esse idealista sublime somos hoje devedores da magnífica camaradagem que a esta mesa nos reúne. De quantas e sinceras amizades foi ele o seu obreiro entre a grande Família rotária?

Haverá, porventura, neste pobre Mundo, sensação que mais nos dê o prazer de viver que não seja o culto de uma amizade?

A vida vivida numa luta constante de egoísmo desmedido, sobrepondo-se a tudo quanto a mesma ainda pode ter de belo..., não tem encantos alguns! Tudo quanto ela encerra de beleza é filho nossa coração; e esse só se encontra no pleno exercício das suas funções naturais, quando pratica o bem.

Nos 6.871 Clubes de 78 Países, 309.000 homens de bem comemoram, hoje, os 43 anos de existência de "Rotary", pela primeira vez, depois do falecimento do seu fundador. Juntamos a essas centenas de milhares de homens — de raças e crenças tão diversas — a nossa saudade por Aquele que foi um dos maiores pioneiros da maior aspiração da humanidade: "A PAZ".

Numa época de tão más perspectivas, não devemos deixar passar esta data sem evocar a figura admirável de PAUL HARRIS, de quem tão perto esteve o Prémio Nobel da Paz.

Se o homem, na ânsia de dominar a própria natureza com os seus inventos extraordinários, dedicasse um pouco mais da sua inteligência àquilo que ele mais deve prezar, a fraternidade humana, este Mundo, seria melhor e mais digno de ser vivido.

Quando pensamos que este movimento sem igual conseguiu viver, crescer e alastrar-se através de 43 anos, — quase todos eles bem tenebrosos para a maior aspiração do homem — "A PAZ", — é só então que nos apercebemos da sua grandeza moral e da sua força espiritual.

Somos hoje 309.000 homens de boa vontade; amantes das nossas terras, patriotas sem mácula, respeitadores das leis políticas e sociais que nos regem e que só somos acusados por uma falta — e de que falta, Santo Deus! — a de amarmos a Paz.

Sim, amamos a Paz, a Paz justa e honesta, aquela que é filha da justiça, aquela que, se os homens soubessem utilizar melhor a sua inteligência e coração, deveria reger as relações inter-nações. Como o Mundo seria feliz nesse dia!

Quando em vez dos 309.000 homens nós atingirmos alguns milhões, mantendo o espírito de hoje, a influência da nossa boa vontade fazer-se-á sentir o bastante para que ela constitua um travão poderoso à loucura que avassala a humanidade.

Vejam, meus queridos Companheiros, como com o nosso actual e ainda reduzido número, nós já hoje nos encontramos bastante largamente representados, em todas as tentativas, em prol do bom entendimento inter-nações.

Que significação esta representação, já tão apreciável, para uma minoria como nós somos? A sua explicação temo-la na grandeza dos nossos ideais e na selecção dos nossos Companheiros.

Um Clube Rotário é uma escola magnífica para o desenvolvimento das suas qualidades que viemos dotados a este Mundo. É uma escola admirável, de tolerância e respeito, pela maneira de ser do seu semelhante; e, finalmente, é uma escola perfeita de civismo.

Amor ao próximo, tolerância, honra, respeito e civismo, não serão, porventura, das mais suas qualidades a deixar num homem? Será por isso que nem todos nos querem bem ou será porque o número sempre crescente dos nossos Companheiros começa a perturbar a influência legião daqueles que só sabem e podem viver desprezando esses princípios tão humanos?

A 23 de Fevereiro de 1905 o nosso sanioso Paul Harris preside, em Chicago, à primeira reunião do Clube Rotário n.º 1, nunca pensado que, 43 anos depois, cerca de 3.371 homens ocupariam o mesmo lugar, presidindo o orientado 809.000 rotários idênticos àquela meia dúzia a quem o genial homem dava, nesse dia, as primeiras noções de Bem-estar.

Vejam, meus queridos Companheiros, como os ideais generosos caminham, apesar do matagal de incompreensão que fomos obrigados a desbravar.

Em 1910, "Rotary", começa a sair da América do Norte e a alastrar-se pelo Mundo, fundando-se o primeiro Clube no Canadá.

1911, vê nascer na Irlanda o primeiro Clube da Europa, seguido de outro na Inglaterra. Em 1912 alastra-se pela Escócia. 1913, 1914 e 1915, anos de guerra, anos maus para um ideal de Paz.

1916, é a vez de Cuba e 1917, a do Paí de Gales.

1918, Porto Rico e Uruguai.

1919, traz-nos a Índia misteriosa, a ilha de sonho, Hawaii. A Argentina, o Panamá, as Ilhas Filipinas e, finalmente, essa China imensa, detentora da mais remota civilização.

1920, é o início da conquista da Europa continental. Combe essa honra à mais cavaleiresca das nações — a Espanha — e à mais espanhola das suas cidades — Madrid!

Com 1921 é uma avalanche de povos que se unem à volta da bandeira de "Rotary". É a Austrália, a Dinamarca, o México, o Peru, a Terra Nova, a União Sul Africana e, para final deste magnífico corolário, essa França generosa e bela, essa Mãe sublime dos sagrados direitos do homem.

Mas, "Rotary", não pára; ele caminha sempre, de triunfo em triunfo; há ainda no Mundo muitos homens bons que querem abraçar o seu ideal e, 1922 traz-lhe o grande, belo e generoso Brasil, seguindo-se-lhe a Noruega e os Países Baixos — exemplos de civismo perfeito.

Sempre em marcha, 1923 vê ingressar nas suas fileiras a grande mártir da maldade dos homens — a Bélgica. Segue-se-lhe o Chile; e o ano é coroado ainda pela adesão do grande berço da Arte — a sempre bela Itália. Outro ano mais, novos povos enfileiram. 1924 traz a vez a um pequeno-grande povo — a essa maravilhosa pátria de cidadãos perfeitos — a Suíça. Mas, ainda outro, longínquo, se vem juntar — as Bermudas. Finalmente, 1925 nasce só para acalentar uma pátria,

"...e que Pátria! a mais formosa e linda, Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!,"

Portugal tem o seu primeiro Clube rotário. Entrámos na grande Família. Em 1926 coube a vez à Finlândia, Suécia e C.umbia. 1927 não termina sem que a Bolívia, Costa Rica, Equador, S. Salvador e as Índias Neerlandesas entrem para a grande Família.

Conquistando os homens de boa vontade o sonho de Paul Harris não pára. 1928, vê a Grécia eterna enfileirar connosco.

1929, o Egipto misterioso, as Honduras e o Luxemburgo.

1930, a Argélia, o Sião, Singapura e Hong Kong.

1931, o Líbano.

Novos anos vêm e em novos países o ideal de "Rotary", assenta os seus arraiais de amor entre os homens. Nada já consegue travar a sua marcha admirável. Ponco já resta do Mundo onde "Rotary", não se encontra. Mais anos e mais países aumentam a grande cadeia de homens de boa vontade. Finalmente, 1947 traz-lhe um elo mais e que elo! — a mais leal, a mais patriótica e a mais distante das cidades de Portugal — Macau.

Paul Harris, o teu grande sonho... é realidade! Só num imenso país... não tem entrada! Não importa. Muitos outros homens te compreenderam e prestam hoje homenagem ao teu maravilhoso Sonho de amor e bondade.

Termino, pedindo-vos que ergueis o vosso cálice por ROTARY INTERNACIONAL! Pela Paz entre os homens! e como os últimos são sempre os primeiros, por esta PATRIA onde,

"Um povo montanhez e heróico, à beira mar, sob a graça de DEUS, a cantar e a lavar,"

mantém e continuará por todo o sempre a manter e a chamar-lhe:

— O nosso PORTUGAL!

O Sr. Leandro Martins leu, ainda, um curioso comentário sobre uma notícia inserida no jornal *Notícias de Macau* e o Sr. D. Eduardo de Mascarenhas, ao encerrar a sessão, agradeceu a todos os presentes a sua comparência, espe-

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão da Mesa de 20 de Fevereiro de 1948

Sob a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

A Mesa tomou conhecimento do seguinte:

— De uma comunicação da Filial do Banco Nacional Ultramarino, em Londres, e de que continuam bloqueados os juros de diversos papéis de crédito da herança Torres Carneiro, em diversas moedas, sendo: em dólares, 5 117,37; em francos franceses, 907,70; em francos belgas, 11.790 e em liras, 7.045 43, rendimento que muita falta faz à manutenção desta Santa Casa;

— De um ofício da Federação de Caixas de Previdência no sentido de ser feito um contrato para exames radiológicos e análises clínicas aos beneficiários daquela Federação, sendo resolvido informar de acordo com os médicos encarregados dos respectivos serviços;

— De um ofício do Ex.º Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, de Braga, notificando esta Santa Casa para efectivar o pagamento da quantia de 66\$50, proveniente de cotas à Casa do Povo de Serzedelo, assunto que, segundo resolução da Mesa, vai ser entregue ao Ex.º Sr. Advogado desta Instituição;

— De uma excoisição do G. Excursionista 1.º de Dezembro, com sede em Covas, que ficou para oportuna resolução;

— Mandar construir um barraco para arrecadação de lenhas no Asilo de Donim e aceitar a generosa colaboração, para esse efeito, do Rev.º Pároco daquela freguesia;

— De um ofício do Ex.º Sr. Dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira a comunicar a sua retirada para Coimbra, a fim de se especializar em partos e a oferecer a continuação dos seus serviços, após o seu regresso a esta cidade;

— Pelos Mesários Srs. Camilo Laranjeiro dos Reis e João A. da Silva Guimarães foi feita a comunicação de que tendo visitado, no Domingo passado a propriedade da Torre, em S. Salvador de Briteiros, verificaram a necessidade de se mandar proceder à ampliação e arranjo de algumas ramadas e também ao corte de alguns eucaliptos para madeiras e combustível para o Asilo de Donim.

— Finalmente, o Mesário Sr. Silva Guimarães declarou que, conforme resolução tomada na sessão anterior, havia visitado todas as casas do Bairro João de Melo e procedido a rigorosas informações à face do que tinha constado ao Sr. Provedor, tendo verificado que nada se passava de anormal e que portanto nenhum motivo via para que fossem tomadas quaisquer providências.

Mais declarou o mesmo Sr. Mesário que em virtude de ter ficado devoluta a casa n.º 23, do referido Bairro, propunha para novo inquilino o Sr. Manuel de Araújo.

Antes de se encerrar a sessão, foi verificado o cumprimento de todos os legados até à data, registando o donativo de 100\$00 do Sr. José da Costa, construtor civil, de Urgez e bem assim outros assuntos de interesse para esta Instituição.

Artigo sexto

A gerência, dispensada de caução e sem remuneração, fica affecta a todos os sócios.

Artigo sétimo

O expediente poderá ser assinado apenas por um dos sócios, mas os documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade serão sempre assinados conjuntamente por dois deles, não podendo nenhum dos sócios fazer uso da firma social em assuntos estranhos à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações.

O parágrafo único deste artigo foi eliminado.

Secretaria Notarial de Guimarães, 19 de Fevereiro de 1948.

O Ajudante,
784 **Martinho da Silva.**

Alvará

Vende-se, para quatro teares manuais. Falar na Casa Natália — Vizela. 775

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila». 705

Fernando Pizarro de Almeida

ADVOCADO

ESCRITÓRIO:

Rua de Gil Vicente, 66 GUIMARÃES

cialmente ao Sr. Carlos Lelo e aos demais companheiros do Porto, congratulando-se pela forma como a sessão decorreu.

Para o Fundo "Paul Harris", foi feita uma *quêta* que rendeu Escudos 4.550\$00.

O epílogo da tragédia do Rio Ave

Teve o seu epílogo no domingo, com o aparecimento dos cadáveres dos malogrados operários Manuel de Freitas e Manuel Pereira, casados — os infelizes que juntamente com Manuel Francisco Pereira, cujo cadáver apareceu há semanas, perderam a vida nas obras de captação de águas, na manhã do dia 9 de Janeiro, a horrosa tragédia do Rio Ave.

Quando, pelas 14 horas de domingo, andavam a pescar no Rio Ave e no lugar do Pombarelho, Oscar Pereira e Lourenço Capela, isto a 3 quilómetros aproximadamente do local do desastre, deparou-se-lhes uma mão de um cadáver a sair da areia. Dado o alarme, apareceu a G. N. R. que mandou retirar o cadáver do rio, que veio apurar-se tratar-se de Manuel de Freitas, que se encontrava debaixo da areia em adiantado estado de putrefacção.

A 100 metros, aproximadamente, na margem direita do rio, foi descoberto por Manuel Rodrigues, envolvido em ramos de amieiro, o cadáver de Manuel Pereira.

Amgos os cadáveres foram seguidamente e ante geral consternação, encerrados em caixões e removidos para a freguesia de S. Claudio do Barco, de onde eram naturais os desventurados operários, tendo-se ali efectuado os funerais que constituíram uma grande manifestação de pesar.

Ferreira, Amaral & Fonseca, Limitada

(Sede em Guimarães)

Faz-se público que por escritura de 29 de Janeiro de 1948, lavrada pelo notário desta cidade e comarca, Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi alterado o pacto social da firma acima indicada, passando os artigos sexto e sétimo a ter a seguinte redacção:

Artigo sexto

A gerência, dispensada de caução e sem remuneração, fica affecta a todos os sócios.

Artigo sétimo

O expediente poderá ser assinado apenas por um dos sócios, mas os documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade serão sempre assinados conjuntamente por dois deles, não podendo nenhum dos sócios fazer uso da firma social em assuntos estranhos à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações.

O parágrafo único deste artigo foi eliminado.

Secretaria Notarial de Guimarães, 19 de Fevereiro de 1948.

O Ajudante,
784 **Martinho da Silva.**

Alvará

Vende-se, para quatro teares manuais. Falar na Casa Natália — Vizela. 775

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila». 705

Para o Fundo "Paul Harris", foi feita uma *quêta* que rendeu Escudos 4.550\$00.

Batatas de Semente

ESTRANGEIRAS — CERTIFICADAS

Para se obter boa produção, é necessário lançar à terra **BOA SEMENTE e BOM ADUBO.**

Não tenham ilusões! — Utilizando batatas não certificadas, não podem ter boa colheita!

Acabam de chegar batatas de semente, certificadas pelos Serviços Fitopatológicos, das seguintes variedades:

BINTJE --- EIGENHEIMER --- UP-TO-DATE e ALMA BÓNUS AOS REVENDEDORES

Pedidos aos importadores directos:

Sociedade dos Adubos Aabor, L.ª

Rua do Loureiro, 70 --- PORTO TELEFONE, 21792 766

Tem fábrica própria de adubos para **BATATAS, VINHA, OLIVEIRAS e demais culturas**

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA) 7000

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Sindicato Nac. dos Operários da Construção Civil do Distrito de Braga

Sede em Guimarães

Conforme determinam os nossos Estatutos, tenho a honra de convidar os sócios deste Sindicato Nacional, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a comparecerem no próximo dia 31 de Março, pelas 17 horas, na sua Sede Social, sita na Rua Elias Garcia, desta cidade, afim de reunirem em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte

ORDEM DO DIA

Apresentação e votação do Relatório e Contas do Exercício de 1947. Se à hora acima indicada não comparecer número legal de sócios para esta poder funcionar, realizar-se-á 30 minutos depois com qualquer número.

Secretaria do Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Braga — Sede em Guimarães, 26 de Fevereiro de 1948. 787

O Presidente da Assembleia Geral,
(a) **António da Silva Carvalho.**

As Fábricas

Especialidade em artigos para Armazém de Fazendas Brancas, Malhas e Mudezas.

Agente Comercial com clientela adquirida há muitos anos no Centro do País, deseja aceitar colecções.

Informa: **Fábrica de Malhas de Santa Luzia**, Rua de Paio Galvão, Telefone, 4231, GUIMARAES. 770

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado

Escritório: Largo do Toural, 52-1.º — GUIMARÃES — 774

Fábrica de Tecidos

Vende-se, equipada com 13 teares e o respectivo Alvará. Falar na Casa Natália — Vizela. 774